

Prevenção da Violência no Namoro de Meninas Adolescentes: Um Estudo de Viabilidade

Prevention of Dating Violence Among Adolescent Girls: A Feasibility Study

Prevención de la Violencia en el Noviazgo de Adolescentes Mujeres: Un Estudio de Viabilidad

Prévention de la Violence dans les Relations Amoureuses chez les Adolescentes : Une Étude de Faisabilité

 10.5020/23590777.rs.v25iEsp.e14925

Thaís de Castro Jury Arnoud

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (2019). Atuou como bolsista no PET Psicologia da PUCRS - Programa de Educação Tutorial vinculado à Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) de 2015 à 2017. Foi auxiliar de iniciação científica e posteriormente bolsista PIBIC/CNPq no Grupo de Pesquisa Violência, Vulnerabilidade e Intervenções Clínicas - GPeVVIC de 2018 à 2019. Mestra e Doutoranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação da PUCRS sob orientação da professora doutora Luísa Habigzang, com período sanduíche na Sapienza Università di Roma sob orientação do professor doutor Roberto Baiocco (2023/2024), com financiamento CAPES Print.

Julia de Oliveira Chotgues

Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Possui especialização em Terapia Sistêmica para Indivíduos, Casal e Família pelo Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFI) e formação em Terapias Afirmativas para Minorias Sexuais e de Gênero pela Sínteses. É mestra e doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS sob a orientação da Prof. Luísa Fernanda Habigzang no Grupo de Pesquisa Violência, Vulnerabilidade e Intervenções Clínicas (GPeVVIC).

Isadora Zirbes Linhares

Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestra em Psicologia pela PUCRS, realizado no Grupo de Pesquisa Violência, Vulnerabilidade e Intervenções Clínicas (GPeVVIC), coordenado pela Prof Dr Luísa Fernanda Habigzang. É pós-graduanda em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem pela PUCRS. Atualmente, trabalha nas áreas da psicologia clínica, atendendo em consultório particular, e escolar, no Colégio Pastor Dohms, em Porto Alegre.

Laura de Oliveira Motta

Mestranda em Psicologia no Grupo de Pesquisa Violência, Vulnerabilidade e Intervenções Clínicas (GPeVVIC - PPGP/PUCRS). Atua vinculada a projetos voltados para a promoção de saúde mental e garantia de direitos na população LGBTQIA+. | Estudante de psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). | Graduada em História-licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2021). Atuou como bolsista de Iniciação Científica (BIC-UFRGS) vinculada ao projeto de pesquisa Do luto à luta: movimentos sociais e o debate público sobre violências de gênero, da década de 1960 aos nossos dias.

Clarissa Pinto Pizarro de Freitas

Bolsista Produtividade do CNPq, Professora da Graduação e Pós-Graduação de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Pós-Doutora (UFRGS/2017), Doutora (UFRGS/2016) e Mestra (UFRGS/2013) em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, graduada em Psicologia pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI/2010), Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental (UFRGS/2012), Coordenadora do Grupo de Pesquisa Saúde, Processos Psicossociais e Trabalho (GPSPT) e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Organizacional e do Trabalho (NEPOT). Realizou estágio de Doutorado na North-West University (África do Sul/2015), onde desenvolveu atividades de pesquisa, supervisão e docência junto ao Laboratório de Psicologia Positiva Optentia (Optentia Research Focus). Tem experiência nas áreas de psicometria, psicologia organizacional e avaliação de intervenções. Membro do grupo de trabalho Pesquisa em Psicometria da ANPEPP. Possui cooperação de pesquisa com investigadores internacionais (Utrecht University, North-West University, entre outras) e nacionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, entre outras). Atualmente trabalha investigando o impacto das características do trabalho e do trabalhador sobre os níveis de bem-estar e os processos de adoecimento dos profissionais. Desenvolve pesquisas focadas na avaliação das propriedades psicométricas de instrumentos psicológicos.

Luisa Fernanda Habigzang

Graduada em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2003). Realizou seu Mestrado (2006), Doutorado (2010) e Pós-Doutorado (2014) no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora adjunta no Curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Violência, Vulnerabilidade e Intervenções Clínicas (GPEVVIC/ PPG em Psicologia/ PUCRS). É editora associada da Revista Psico PUCRS. Vice-presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento (ABPD, 2023-2024). Membro do Conselho da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP). Coordenadora do GT Juventude, Resiliência e Vulnerabilidade (ANPEPP). Coordenadora do Curso de Especialização Psicologia Clínica da PUCRS/UOL.

Resumo

A violência nos relacionamentos íntimos entre adolescentes, também entendida como violência no namoro, é considerada um grave problema de saúde pública e uma violação de Direitos Humanos. A literatura sugere que meninas apresentam desfechos mais graves associados a essa violência. O objetivo deste artigo é apresentar o processo de avaliação da viabilidade de uma intervenção realizada com meninas, a fim de prevenir a violência no namoro. Trata-se de um estudo-piloto, de caráter misto. A intervenção é composta por cinco encontros, na modalidade em grupo, com atividades embasadas no manual do Instituto Promundo. Participaram do estudo cinco meninas, com idades entre 14 e 18 anos, integrantes de um centro social localizado na região Sul do Brasil. Como instrumentos, foram utilizados: 1) Questionário de Dados Sociodemográficos; 2) Questionário de Atitudes frente ao Gênero e à Violência; 3) Inventário de Sexismo Ambivalente; e 4) Diário de Campo. A partir desses instrumentos, foi possível investigar percepções da equipe e das participantes acerca do processo, bem como verificar mudanças antes e após a intervenção. As participantes sinalizaram a relevância das temáticas e a necessidade de uma intervenção mais extensa. Percebeu-se engajamento nas participantes, assim como maior sensibilidade em tópicos referentes ao gênero, à sexualidade e às violências associadas. Os resultados apontam para uma adequação da proposta e impacto na redução de crenças sexistas e associadas às atitudes frente ao gênero e à violência. Sugerem-se mais estudos que promovam a prevenção da violência no namoro em contextos brasileiros de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: violência de gênero, estudos de viabilidade, adolescente, sexismo, preconceito de gênero.

Abstract

Violence in intimate relationships among adolescents, also known as dating violence, is considered a serious public health problem and a violation of human rights. The literature suggests that girls experience more serious outcomes associated with this violence. The objective of this article is to present the process of assessing the feasibility of an intervention carried out with girls to prevent dating violence. It is a pilot study of a mixed nature. The intervention consists of five group meetings, with activities based on the Promundo Institute manual. Five girls aged between 14 and 18, members of a social centre located in southern Brazil, participated in the study. The following instruments were used: 1) Sociodemographic Data Questionnaire; 2) Questionnaire on Attitudes towards Gender and Violence; 3) Ambivalent Sexism Inventory; and 4) Field Diary. Using these instruments, it was possible to investigate the team and participants' perceptions about the process, as well as to verify changes before and after the intervention. The participants highlighted the relevance of the themes and the need for a more extensive intervention. Engagement was observed among participants, as well as greater sensitivity to topics related to gender, sexuality, and associated violence. The results point to the suitability of the proposal and its impact on reducing sexist beliefs and attitudes related to gender and violence. Further studies are suggested to promote the prevention of dating violence in Brazilian contexts of social vulnerability.

Keywords: gender violence, feasibility studies, adolescents, sexism, gender bias.

Resumen

La violencia en las relaciones íntimas entre adolescentes, también denominada violencia en el noviazgo, se considera un grave problema de salud pública y una violación de los Derechos Humanos. La literatura sugiere que las adolescentes mujeres presentan desenlaces más graves asociados a esta forma de violencia. El objetivo de este artículo es presentar el proceso de evaluación de la viabilidad de una intervención realizada con adolescentes mujeres, con el fin de prevenir la violencia en el noviazgo. Se trata de un estudio piloto, de carácter mixto. La intervención consta de cinco encuentros, en modalidad grupal, con actividades fundamentadas en el manual del Instituto Promundo. Participaron en el estudio cinco adolescentes mujeres, de entre 14 y 18 años, integrantes de un centro social ubicado en la región Sur de Brasil. Como instrumentos se emplearon: 1) Cuestionario de Datos Sociodemográficos; 2) Cuestionario de Actitudes frente al Género y la Violencia; 3) Inventario de Sexismo Ambivalente; y 4) Diario de Campo. A partir de estos instrumentos fue posible investigar las percepciones del equipo y de las participantes acerca del proceso, así como verificar cambios antes y después de la intervención. Las participantes señalaron la relevancia de las temáticas y la necesidad de una intervención más prolongada. Se observó el compromiso de las participantes, así como una mayor sensibilidad en temas relacionados con el género, la sexualidad y las

violencias asociadas. Los resultados apuntan a una adecuación de la propuesta y a un impacto en la reducción de creencias sexistas y de actitudes vinculadas al género y la violencia. Se sugieren más estudios que promuevan la prevención de la violencia en el noviazgo en contextos brasileños de vulnerabilidad social.

Palabras clave: *violencia de género, estudios de viabilidad, adolescente, sexismo, prejuicio de género.*

Résumé

La violence dans les relations intimes entre adolescents, également connue sous le nom de violence dans les fréquentations, est considérée comme un grave problème de santé publique et une violation des droits humains. La littérature suggère que les filles ont des issues plus graves associées à cette violence. L'objectif de cet article est de présenter le processus d'évaluation de la faisabilité d'une intervention menée auprès de jeunes filles, afin de prévenir la violence dans les fréquentations. Il s'agit d'une étude pilote, de nature mixte. L'intervention est composée de cinq séances, dans un format de groupe, avec des activités basées sur le manuel de l'Institut Promundo. Cinq filles, âgées de 14 à 18 ans, membres d'un centre social situé dans le sud du Brésil, ont participé à l'étude. Comme instruments, les éléments suivants ont été utilisés : 1) Questionnaire de données sociodémographiques ; 2) Questionnaire sur les attitudes à l'égard du genre et de la violence ; 3) Inventaire du sexisme ambivalent ; et 4) Journal de terrain. À partir de ces instruments, il a été possible d'enquêter sur les perceptions de l'équipe et des participantes à l'égard du processus, ainsi que de vérifier les changements avant et après l'intervention. Les participantes ont souligné la pertinence des thèmes et la nécessité d'une intervention plus large. On a remarqué un engagement chez les participantes, ainsi qu'une plus grande sensibilité aux sujets liés au genre, à la sexualité et aux violences associées. Les résultats indiquent une adéquation de la proposition et de son impact sur la réduction des croyances sexistes ainsi que sur les attitudes face au genre et à la violence. Il est suggéré de réaliser plus d'études visant à promouvoir la prévention de la violence dans les fréquentations dans les contextes brésiliens de vulnérabilité sociale.

Mots-clés : *violence de genre, études de faisabilité, adolescents, sexisme, préjugés de genre.*

A violência de gênero é uma das expressões mais graves da desigualdade de gênero. De um modo geral, meninos e homens estão implicados em relações de poder assimétricas com outros gêneros – relações atravessadas constantemente por outras categorias como raça e classe. Essa desigualdade nas relações favorece o surgimento da violência, contribuindo para maior vulnerabilização de grupos específicos (Baugher & Gazmararian, 2015; Silva et al., 2019; Teofilo et al., 2019). Apesar disso, é importante realizar a distinção de que compreender a violência contra a mulher – a partir da perspectiva de gênero – não é o mesmo que considerar todos os homens como violentos de maneira determinista. Pelo contrário, a perspectiva de gênero leva em consideração aspectos sociais que influenciam a formação de uma masculinidade hegemônica violenta, atribuída aos meninos desde a adolescência.

Dentre todas as formas de violência de gênero descritas na literatura, a mais frequente é a que se manifesta nas relações íntimas. De modo geral, essa violência é chamada de violência por parceria íntima (VPI), ao se referir a relações entre pessoas adultas (Cardoso & Costa, 2019), e violência no namoro, quando diz respeito a adolescentes (Santos et al., 2019). A violência no namoro envolve agressões que ocorrem entre adolescentes que foram ou estão envolvidos intimamente, e suas manifestações podem se dar a partir da violência física, psicológica, sexual e/ou *stalking* (Centers for Disease Control and Prevention [CDC], 2022). As pesquisas sugerem que meninas e adolescentes LGBTQ+ apresentam consequências e desfechos mais graves associados a essa violência (Garthe et al., 2021; Reed et al., 2017). Ainda, estudos demonstram que meninas adolescentes que sofreram violência no namoro apresentam um risco elevado de experienciar abusos e agressões na vida adulta, e que a prática de comportamentos violentos nas relações de namoro pode se tornar um padrão desadaptativo, mantido ao longo do tempo e perpetuado nas relações adultas (Taquette & Monteiro, 2019).

Em termos de perpetração da violência, o estudo realizado por Borges et al. (2020) encontrou que 76,43% da amostra de adolescentes reportou já ter perpetrado alguma expressão de violência no namoro. No que diz respeito à vitimização, um estudo nacional publicado recentemente indicou que 48,8% da amostra de adolescentes reportou já ter sofrido algum tipo de violência em seus relacionamentos íntimos (Arnoud et al., 2023). Ambos os estudos indicaram que adolescentes apresentam dificuldade em reconhecer comportamentos abusivos e tendem a legitimar o uso de violência em relações íntimas (Arnoud et al., 2023, 2024; Borges et al., 2020). O gênero é um aspecto essencial para compreender essa violência, visto que as meninas tendem a ser as mais impactadas por ela (Oudekerk et al., 2014; Vagi et al., 2015). Ainda que ambos os parceiros possam perpetuar a violência no namoro (CDC, 2022), meninos reportam perpetrar mais violência que meninas. De acordo com um levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), meninas adolescentes têm maior probabilidade de vivenciar violência de gênero, seja no contexto intrafamiliar ou em suas relações íntimas (FBSP, 2019).

Considerando as implicações e as consequências da violência no namoro, entende-se que meninas e mulheres se encontram mais propensas a terem seus direitos violados. O sistema patriarcal de gênero favorece e legitima a perpetração de violência por meninos e homens e faz com que meninas estejam em maior vulnerabilidade social para situações de violência. Ainda, por mais que o gênero seja uma categoria essencial para a compreensão de situações de violência, cabe ressaltar que este não é o único regime de poder que influencia a expressão do fenômeno. De acordo com a teoria da interseccionalidade, desenvolvida por autoras e ativistas do feminismo negro (Collins, 2022), aspectos como raça, classe, idade, orientação sexual, gênero, entre outros, constituem-se mutuamente. Desse modo, as relações de poder desiguais, que se formam a partir de desigualdades sistêmicas, colaboram para a expressão de fatores de risco e se manifestam também nas relações interpessoais (Arnoud et al., 2023).

Identificar fatores e populações em risco é um passo fundamental para o subsídio de estratégias de prevenção, enfrentamento e interrupção da violência. Programas de prevenção possuem como foco a conscientização acerca do fenômeno da violência no namoro, bem como o auxílio no desenvolvimento de maneiras mais saudáveis de se relacionar afetivamente (Lee & Wong, 2022). Uma questão importante de destacar é que, por mais que os índices de violência entre adolescentes sejam mais expressivos em países do Sul Global, a maior parte dos estudos que visam avaliar eficácia de intervenções preventivas é desenvolvida em países de alta renda, como Canadá, Reino Unido, Estados Unidos e países da Europa Ocidental (Hughes et al., 2014). A área que envolve a avaliação de programas de intervenção em psicologia ainda é incipiente no Brasil (Durgante & Dell'Aglio, 2018).

De acordo com uma revisão sistemática que analisou estudos sobre programas de prevenção à violência no namoro, entre 2010 e 2020 foram encontrados 54 artigos em bases de dados nacionais e internacionais. As intervenções foram majoritariamente implementadas no contexto escolar, com grupos mistos, de caráter curricular e nível de prevenção universal (Moura, 2023). Ainda, no contexto brasileiro, foram encontrados apenas três estudos (Murta et al., 2013; Murta et al., 2016; Santos et al., 2019). Desse modo, destaca-se a necessidade de produzir diferentes níveis de evidências científicas de programas de prevenção que sejam pensados para a realidade sociocultural brasileira e suas particularidades.

O processo de monitoramento e avaliação de programas é essencial e possibilita o aperfeiçoamento das práticas, alocação de recursos humanos e materiais, bem como a reestruturação dos programas existentes e o planejamento de novos programas (Durgante & Dell'aglio, 2018). Ainda, cabe discutir o público-alvo das intervenções, no que diz respeito ao gênero. Intervenções com grupos heterogêneos e mistos são importantes para superar segregações e exclusões perpetuadas no contexto social. Para além disso, o envolvimento de meninos na prevenção contra a violência de gênero também é extremamente importante para a superação das desigualdades. Entretanto, programas de intervenção voltados especificamente para meninas também podem auxiliar no combate às desigualdades e à violência de gênero. Trabalhar com meninas possibilita que estas se conscientizem sobre as desigualdades, conheçam seus direitos e reconheçam sinais de violência nos seus relacionamentos. Além disso, essa atuação contribui para que meninas assumam um papel mais ativo na construção de uma sociedade menos desigual.

Em decorrência da escassez de estudos nacionais voltados para a prevenção da violência nos relacionamentos íntimos e para o combate às desigualdades de gênero com meninas adolescentes, torna-se essencial o fomento de pesquisas nesse sentido. Estudos de viabilidade podem ser um primeiro passo na construção de evidências científicas dos programas. Esses estudos possuem como objetivo averiguar o potencial de sucesso de uma determinada intervenção, assim como avaliar em que medida a intervenção seguinte – avaliada por meio de desenho experimental ou quasi-experimental – tende a ser bem-sucedida após medidas para retificações e adaptações no delineamento, a partir do estudo de viabilidade (National Institute for Health Research [NIHR], 2017). O estudo de viabilidade, portanto, pode gerar dados sobre condições adequadas e necessárias para a implementação da intervenção, adaptações e refinamentos dos procedimentos e possíveis correções de erros metodológicos. Esses dados, por consequência, podem contribuir para a avaliação da viabilidade de um estudo maior no futuro (Durgante & Dell'Aglio, 2018). Desse modo, estudos de viabilidade podem constituir as bases de intervenções capazes de produzir níveis mais elevados de evidências científicas, como ensaios clínicos randomizados.

Os estudos de viabilidade podem ter como foco avaliar diferentes aspectos de uma intervenção, sendo eles: aceitabilidade, demanda, implementação, adaptação, integração, praticidade, expansão e testes limitados de eficácia (Bowen et al., 2009). A aceitabilidade diz respeito à apreciação de dimensões positivas e negativas do público-alvo e da equipe técnica antes, durante e após a intervenção. A demanda diz respeito ao quanto a intervenção foi procurada pelo público-alvo, visa investigar se há necessidade de determinada intervenção acontecer naquele contexto e se é provável que ela seja executada. A implementação diz respeito à avaliação da probabilidade real da implementação da intervenção em um contexto não controlado. Isso envolve avaliações em relação aos fracassos e sucessos, quantidade de recursos necessários e de aspectos que precisam ser ajustados. A adaptação visa buscar modificações necessárias nos conteúdos, estrutura, processos de implementação e/ou avaliação do programa. Já a integração considera as mudanças necessárias para integrar o programa em um determinado local ou instituição. A praticidade investiga possibilidades de recursos (humanos e materiais, tempo, instalações, etc.) para a implementação, custos e habilidades dos participantes na condução de atividades. A expansão avalia a possibilidade de expandir o programa para outras populações. Por fim, os testes limitados de eficácia verificam aspectos preliminares da eficácia de um determinado programa e tendem a ser testes conduzidos em amostras por conveniência, podendo também incluir investigação de evidências iniciais de eficácia.

Os estudos de viabilidade são indicados em países como o Brasil, que possuem incentivos financeiros limitados à pesquisa, visto que auxiliam na produção de descobertas que determinam se uma intervenção deve ou não ter sua eficácia testada por meio de ensaios clínicos randomizados. Além disso, também geram dados importantes com relação à maneira que uma determinada intervenção se comporta em contexto não controlado (Bowen et al., 2009). Estudos direcionados à extração de lições no processo de implementação, a fim de qualificar novas intervenções, diferem das produções predominantes no campo, que se limitam a avaliar a eficácia potencial dos programas (Wuest et al., 2015). Desse modo, é importante investir em estudos de viabilidade para iniciar o processo de avaliação de intervenções no contexto brasileiro, especialmente em programas voltados para a promoção da equidade de gênero e prevenção da violência, visto que são escassos no país.

Tendo isso em vista, o presente artigo tem como objetivo relatar o processo de implementação e avaliação da viabilidade de uma intervenção voltada à prevenção da violência no namoro entre adolescentes do sexo feminino, realizada na cidade de Porto Alegre.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo de viabilidade de uma intervenção (Bowen et al., 2009).

Participantes

Participaram da intervenção cinco meninas, com idades entre 14 e 18 anos, residentes na cidade de Porto Alegre. Em relação à cor/raça, duas participantes se autodeclararam brancas, duas pretas e uma parda. No que diz respeito à orientação sexual, duas participantes se identificaram como bissexuais, duas heterossexuais e uma preferiu não responder. Três estavam em um relacionamento íntimo e duas não estavam. Sobre a experiência de VPI, três participantes relataram já ter passado por alguma situação de violência em relação íntima e duas preferiram não responder. Apenas uma participante relatou renda familiar maior que um salário-mínimo. Como critério de inclusão, era preciso se identificar como alguém do gênero feminino, ter idade igual ou superior a 14 anos, frequentar a escola pública e/ou o centro educativo contatados e possuir autorização dos responsáveis para participar da intervenção.

Instrumentos

- a) Questionário de Dados Sociodemográficos: composto por perguntas sobre idade, estado de residência, cidade de residência, identidade de gênero, orientação sexual, cor ou raça, nível de escolaridade, idade do primeiro relacionamento íntimo, tipo de relacionamento e duração do relacionamento, perguntas sobre situações de violência psicológica, física, sexual e virtual nas relações íntimas;
- b) Questionário de Atitudes frente ao Gênero e à Violência (QAGV): desenvolvido por Díaz-Aguado e Arias (2001) e validado no Brasil por Arnoud (2022), tem como objetivo avaliar as atitudes frente ao gênero e à violência dos adolescentes. A versão brasileira possui uma estrutura unidimensional de 36 itens. Exemplos de afirmações: “O homem que parece agressivo é mais atraente”; “Ser forte e corajoso é mais importante para os meninos que para as meninas”. Os adolescentes devem pontuar cada afirmação de acordo com uma escala likert de 1 a 7, sendo 7 “máximo acordo” e 1 “mínimo acordo”. O α de Cronbach encontrado foi 0,95, o ω obteve o valor de 0,88 e a fidedignidade composta 0,96;
- c) Inventário de Sexismo Ambivalente: objetiva avaliar o sexismo ambivalente a partir de duas subescalas: a de sexismo hostil e de sexismo benévolo. O inventário é composto por 22 itens e foi originalmente elaborado em língua inglesa, por Glick e Fiske (1996). Foi adaptado para o contexto brasileiro por Formiga et al. (2002). A escala apresentou índices de ajuste ($X^2 = (p < 0,001)$; $X^2/gl = 25,6$; CFI = 0,511; TLI = 0,44; RMSEA (90% I.C.) = 0,310 (0,30 – 0,32)) e confiabilidade satisfatórios (sexismo hostil, $\alpha = 0,96$; $\omega = 0,93$; f.c. = 0,92; sexismo benévolo, $\alpha = 0,88$, $\omega = 0,82$; f.c. = 0,94). O instrumento é respondido por meio de uma escala likert de 1 a 4, sendo 1 “discordo totalmente” e 4 “concordo totalmente”. Exemplos de itens são: “Mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens” e “Mulheres procuram poder controlando aos homens”;
- d) Diário de Campo: dedicado aos registros e anotações das facilitadoras sobre informações do processo de recrutamento e implementação da intervenção. Foram agrupados também, ao fim de cada sessão, os seguintes aspectos: componentes abordados na sessão, meninas que estavam presentes, avaliação do engajamento das participantes, desafios percebidos na sessão e demais impressões gerais.

Procedimentos Éticos

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Ambos, escola e centro social da região, foram contatados pela equipe responsável e, após uma reunião para explicar a proposta e os passos do estudo, os coordenadores locais aprovaram o desenvolvimento da pesquisa e intervenção. Os responsáveis pelas adolescentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as participantes assinaram os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu em uma região em situação de vulnerabilidade socioeconômica da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O processo se deu ao longo do ano de 2022, sendo que o primeiro semestre do ano contemplou etapas de negociações formais, inserção ecológica e divulgação do projeto em uma escola pública da região. Ao longo da inserção, compreendeu-se, em conjunto com a instituição, que o melhor local para a realização do grupo seria o centro educativo da região, localizado ao lado da escola. Após fechar um primeiro grupo com cinco meninas, estas foram convidadas a responder aos instrumentos de pré-teste. Na semana seguinte, iniciou-se a implementação da intervenção de caráter grupal. Os encontros ocorriam uma vez por semana, com duração aproximada de duas horas. Após a finalização da intervenção, foi realizado um novo encontro com as participantes, a fim de aplicar os instrumentos pós-teste.

A intervenção teve como ponto de partida o manual produzido pelo Instituto Promundo (2008), em parceria com outras organizações – Salud y Género, ECOS, Instituto PAPAÍ, e World Education. O manual é intitulado *Working with Young Women: Empowerment, Rights and Health* e descreve o programa M, voltado para meninas e mulheres jovens entre 15 e 24 anos. O manual inclui 10 sessões e os conteúdos abordados são: gênero e direitos humanos; identidade e relacionamentos; violência; corpos e sexualidade; direitos sexuais e reprodutivos; maternidade; prevenção à HIV/AIDS e outras IST's; drogas; trabalho, mulheres e participação comunitária.

Cada sessão aborda um dos tópicos citados e possui atividades que têm como objetivo incentivar meninas e mulheres jovens a compartilharem suas ideias e opiniões, bem como a refletirem sobre como podem realizar mudanças positivas em suas próprias vidas e comunidades. A equipe foi capacitada pelo Instituto Promundo para facilitar a intervenção e a instituição autorizou possíveis adaptações. Optou-se por realizar somente cinco encontros dos 10 previstos no Programa, tendo em vista a facilitação da implementação em um contexto de maior vulnerabilidade socioeconômica, bem como objetivos do estudo.

O manual inclui propostas para sessões que visam promover saúde, empoderamento e direitos de meninas e mulheres, contribuindo para a prevenção da violência de maneira mais ampla. O presente estudo visou dar um enfoque maior para a prevenção da violência no namoro, selecionando, portanto, as sessões com temáticas relacionadas a fatores de risco e proteção para o fenômeno. As cinco sessões planejadas foram: Gênero e Direitos Humanos; Identidade e Relacionamentos; Violência; Corpos e Sexualidade e, por fim, Direitos Sexuais e Reprodutivos.

Cada sessão possui um eixo temático e atividades previstas que visam o desenvolvimento de discussões e reflexões relacionadas ao tema. As atividades propostas pelo manual foram adaptadas pela equipe de modo a atender às demandas específicas do contexto de aplicação. As sessões incluíram o uso de vinhetas e imagens, análises de casos e dinâmicas de grupo, que visaram promover a reflexão das participantes sobre os diferentes temas.

Análise de Dados

A análise da viabilidade da intervenção foi realizada a partir de duas estratégias: análise qualitativa dos diários de campo e das impressões das facilitadoras e das participantes, bem como análise de evidências iniciais de eficácia da intervenção a partir da comparação dos resultados de pré e pós-teste. As evidências iniciais foram avaliadas por meio dos efeitos da intervenção sobre as percepções de atitudes frente ao gênero e à violência, bem como sobre os níveis de sexismo hostil e benévolo. Foi utilizado o Método Jacobson e Truax (JT) possibilitando calcular um índice de mudança confiável (IMC) que indica quais participantes se beneficiaram da intervenção, aqueles que não apresentaram mudanças nas médias mensuradas ou não se beneficiaram. Com base no Método JT, considera-se que as mudanças são relevantes quando o IMC indica que há uma diferença de média de pelo menos dois desvios padrões entre os escores da participante antes e após a intervenção.

Resultados

Os resultados foram organizados contemplando os seguintes indicadores de viabilidade: demanda, adaptação, aceitabilidade, praticidade, implementação e avaliação inicial de eficácia.

Demanda

Desde o primeiro contato com a instituição escolar, a equipe diretiva demonstrou interesse pela implementação da intervenção e reportou diferentes situações envolvendo violência nas relações íntimas entre adolescentes. A instituição também referiu a necessidade de uma melhor capacitação da equipe para lidar com situações relacionadas às desigualdades sexuais e de gênero, bem como situações de violência de um modo geral. A partir do início do processo de divulgação do grupo, adolescentes da escola buscaram a equipe técnica do local e a equipe de pesquisa para informações sobre a intervenção, processo de inscrição e data de início em diferentes ocasiões. Apesar do interesse da escola e das adolescentes, a implementação da intervenção não pôde ocorrer nesse contexto, uma vez que as meninas frequentavam o centro educativo no contraturno escolar. Assim, por meio de contato com o Centro e da observação de interesse da equipe, a intervenção foi implementada com o auxílio e protagonismo das adolescentes, que mediarão a inserção da equipe de pesquisa no local.

Adaptação

Foram realizadas adaptações em algumas atividades propostas no manual. Por exemplo, em uma atividade com vinhetas como material disparador de reflexões acerca de expressões da violência de gênero, estas foram modificadas de modo que pudessem exemplificar representações mais atuais do fenômeno na adolescência, bem como incluir diferentes configurações relacionais. As alterações visaram tornar atividades mais atrativas, compreendendo as necessidades e interesses das meninas, bem como desenvolver uma intervenção com um caráter não cis-heteronormativo. Todas as alterações foram descritas na Tabela 1.

Tabela 1

Adaptações Realizadas

Encontro	Objetivos	Atividade(s) Selecionada(s)	Adaptação Proposta
1. Gênero e Direitos Humanos	Promover a reflexão acerca de conceitos como gênero, equidade e relações de poder através da perspectiva dos Direitos Humanos. Fornecer ferramentas para a discussão e compreensão de temas a serem abordados	“Atividade 2 – O que é isso que se chama gênero?”: construção de duas colunas no <i>flip-chart</i> , uma intitulada “mulher” e outra “homem”. As participantes deveriam falar o que associavam com cada coluna.	Alterou-se o título das colunas para “feminilidade” e “masculinidade”. E, ao invés do <i>flip-chart</i> , foi utilizado o quadro branco fornecido pela escola para a realização da atividade.
2. Identidade e Relacionamentos	Refletir sobre como as expectativas sociais de gênero afetam a vida de meninas e mulheres em diferentes esferas, individual, profissional e em relacionamentos íntimos. Pensar sobre como essas expectativas interferem na construção da identidade e dos planejamentos de vida de cada uma	“Atividade 4 – Quem sou eu e o que eu quero fazer da minha vida”: desenho de autorretratos sobre a individualidade. “Atividade 7 – Ser mulher... e homem... de várias formas”: discussão de vinhetas prontas e elaborar seus desfechos em pequenos grupos.	Atividade 4: A pintura do autorretrato foi substituída por uma atividade com imagens impressas e revistas. Atividade 7: as vinhetas propostas pelo Manual foram alteradas para que se contemplasse a diversidade sexual e de gênero das participantes.
3. Violência	Identificar e nomear, a partir da Lei Maria da Penha, os tipos de violência contra meninas e mulheres em diferentes esferas. Refletir sobre a particularidade das violências em relacionamentos íntimos e em ambientes familiares.	“Atividade 8 – O que é violência?”: divisão das alunas em grupos para definir o que é violência.	A atividade não foi alterada.
4. Corpos e Sexualidade	Refletir sobre como as mídias sociais influenciam a maneira que meninas e mulheres enxergam os seus corpos, opiniões e vontades.	“Atividade 12 – O corpo feminino na mídia e na sociedade”: recortar imagens de jornais e revistas que representem o que é ser mulher.	Substituiu-se o uso de jornais por revistas e imagens impressas de conteúdos diversos sobre o tema. Também foi proposto que as participantes desenhasssem como era a representação da mulher nas mídias atualmente.
5. Direitos Sexuais e Reprodutivos	Refletir sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos enquanto Direitos Humanos. Fomentar reflexões sobre como estes direitos afetam a vida das mulheres e dos homens.	“Atividade 15 – O que são direitos sexuais e reprodutivos?”: divisão em grupos e discussão dos direitos sexuais e reprodutivos em tiras de papel. Discussão e posicionamento verbal sobre as tiras: discordo, concordo ou concordo em partes.	Substituiu-se a leitura das tirinhas em grupos para uma leitura coletiva. A dinâmica de discussão foi alterada para uma atividade em que as alunas pudessem movimentar-se pela sala. O chão foi marcado com fitas para direcionar os posicionamentos das participantes.

Em relação ao cronograma, o grupo-piloto teve duração prevista de sete semanas, sendo composto por um encontro para aplicação de pré-teste, cinco encontros temáticos e um encontro para aplicação de pós-teste. Entretanto, algumas situações relacionadas ao contexto de alta vulnerabilidade socioeconômica da região trouxeram desafios para o cronograma pensado inicialmente. Desse modo, para que a intervenção não coincidisse com o término do ano letivo e as férias de final de ano, optou-se por realizar dois encontros por semana, adiantando a data de conclusão da intervenção.

Aceitabilidade

A equipe diretiva da escola, bem como os profissionais do centro educativo demonstraram interesse pela implementação da intervenção e sinalizaram a importância de trabalhar com as temáticas propostas. Logo nos primeiros contatos, foi possível perceber a aceitação dos profissionais e o interesse em levar o projeto adiante, sinalizando à equipe de pesquisa uma preocupação com crenças e relatos trazidos pelas alunas naquele espaço. A presença de um grupo de psicólogas e estudantes de psicologia no ambiente pareceu representar um amparo para os profissionais, que buscavam auxiliar as meninas em suas questões, mas que não possuíam recursos humanos e materiais suficientes.

As alunas, público-alvo do projeto, demonstraram curiosidade, mas também receios frente à divulgação da intervenção. A inserção ecológica colaborou para que as adolescentes pudessem conhecer a equipe antes do início do grupo-piloto. Com o passar do tempo, algumas meninas compartilharam o desejo de um espaço seguro para dividirem dúvidas, ansios e angústias relacionadas à sexualidade e às relações íntimas. Quando a formação do grupo-piloto foi iniciada, algumas participantes demonstraram preocupação com o sigilo e a privacidade, considerando que todas frequentavam a mesma escola, embora não fosse, necessariamente, próximas entre si. A equipe sugeriu como estratégia que as meninas indicassem colegas com quem tivessem afinidade para a composição dos grupos. Ao longo da implementação, notou-se boa aceitabilidade por parte da instituição, mas sobretudo pelas participantes do grupo-piloto.

Observou-se um bom engajamento das meninas nas atividades propostas. Ao longo dos encontros, o vínculo entre equipe e participantes foi sendo progressivamente aprofundado, e as alunas passaram a compartilhar relatos cada vez mais pessoais envolvendo as temáticas trabalhadas. No encontro 03, uma participante compartilhou um relato de violência direcionada ao seu tio, homem gay inserido em um contexto familiar em que identidades sexuais não heterossexuais não eram respeitadas. A participante se emocionou durante o relato e foi acolhida pelo grupo de meninas. Cada encontro teve uma média de quatro participantes presentes, e o quarto encontro contou com apenas duas participantes. Ainda que todas as atividades tenham gerado bom engajamento, as atividades sobre identidade, relações de gênero e direitos sexuais e reprodutivos foram aquelas que mobilizaram mais debates. Destaca-se que apesar de a atividade sobre o corpo feminino na mídia e sociedade ter ocorrido em um encontro com poucas participantes, aquelas que estavam presentes demonstraram responsividade à tarefa, produzindo reflexões sobre temas como pressão estética e discriminação contra os corpos de mulheres negras no Brasil.

No encontro final, as participantes foram convidadas a registrar por escrito suas impressões sobre a intervenção, indicando uma sensação de segurança e conforto para compartilhar vivências pessoais e expressar sentimentos livremente. As meninas indicaram o desejo de que a intervenção fosse mais longa e sugeriram que um segundo grupo fosse realizado, manifestando retornos positivos sobre os encontros e aprendizagens ao longo das atividades.

Praticidade e Implementação

Todas as atividades previstas foram realizadas. Os recursos materiais para o desenvolvimento do projeto foram fornecidos pela equipe de pesquisadoras e também disponibilizados pelo centro educativo: como folhas, lápis de cor, canetas hidrográficas coloridas, tesouras e tinta. A sala disponibilizada possuía uma infraestrutura adequada, composta por mesas, cadeiras, um computador, um quadro branco e ar-condicionado. Em relação à equipe, essa era composta por uma psicóloga clínica e duas estudantes de psicologia treinadas para acompanhar as intervenções, garantindo suporte adequado às participantes nas situações em que as conversas fossem muito mobilizadoras.

A inclusão de temáticas que envolvem a população LGBTQ+ contribuiu para a construção de um bom engajamento das adolescentes nas atividades e um bom vínculo entre equipe e participantes, facilitando a implementação. A familiarização da equipe com assuntos relevantes nas mídias sociais como o TikTok, Instagram e YouTube também favoreceu a implementação do programa. Ainda que todas as atividades propostas tenham sido realizadas ao longo da intervenção, barreiras relacionadas à vulnerabilidade social, como a ausência de professores e a falta de água nas dependências da intervenção – que impediam as alunas de acessarem o bebedouro e o banheiro – impactaram a implementação. Além das dificuldades relacionadas à região, barreiras do cotidiano das participantes, como afazeres domésticos e a responsabilidade pelo cuidado com os irmãos menores, impactaram na assiduidade e pontualidade das meninas durante as atividades.

A dificuldade de comunicação da equipe de psicólogas com a direção escolar também foi observada como uma barreira, já que os encontros com as alunas foram inviabilizados em situações em que coincidiam com atividades extracurriculares da escola não informadas à equipe previamente. No entanto, o bom vínculo entre alunas e a equipe de psicólogas facilitou o manejo dessas situações, possibilitando que as próprias participantes sinalizassem contratempos à equipe a partir de mensagens de texto via WhatsApp. O interesse das meninas no andamento do programa sugere a importância e a necessidade da implementação do projeto nesse contexto.

Testes Limitados de Eficácia

Observou-se, a partir da análise do método JT, que as três participantes que preencheram os instrumentos pós-teste apresentaram diminuição nos escores de sexismo hostil, sexismo benevolente e de atitudes frente ao gênero e a violência. O sexismo hostil é o que representa crenças mais explícitas sobre sexismo (ex.: “mulheres devem ser submissas ao homem”), e o benevolente é aquele mais velado, muitas vezes entendido como algo socialmente aceito (ex.: o homem deve abrir a porta do carro para a mulher entrar”). A Participante 2 foi a que apresentou mais mudanças significativas dentre as três nos fatores avaliados. Já as Participantes 1 e 3 tiveram resultados mais positivos na redução de crenças associadas ao sexismo hostil e às atitudes frente ao gênero e à violência, respectivamente. Os resultados estão descritos na Tabela 2 e podem ser visualizados na Figura 1.

Tabela 2

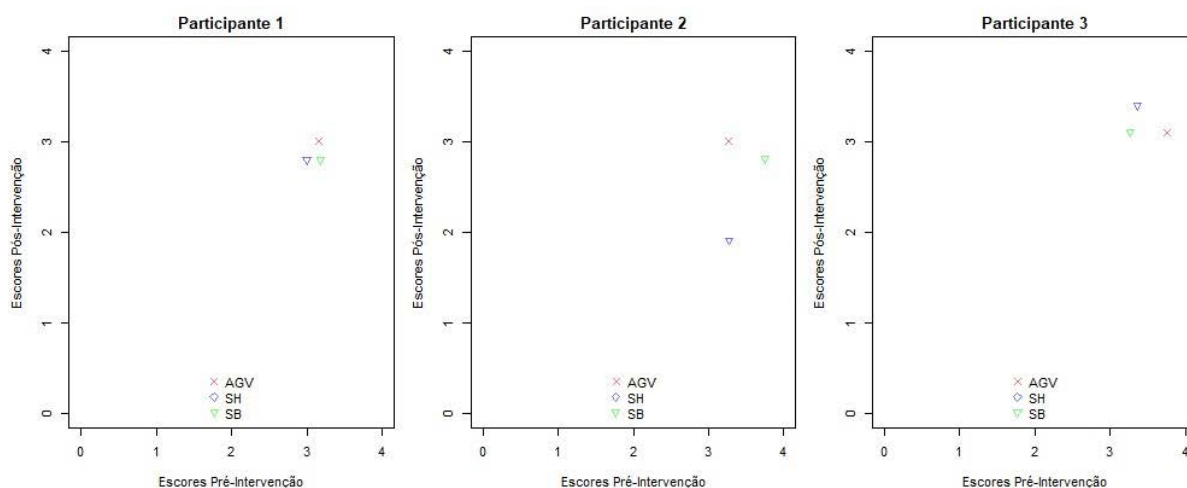
Análise Método JT para avaliar as mudanças nas dimensões das atitudes frente ao gênero e à violência, sexismo hostil e sexismo benevolente

ID		P 1	P 2	P 3
AGV	M 1	3,2	3,3	3,8
	M 2	3	3	3,1
	IMC	-1,61	-2,72 ⁺	-6,55 ⁺
SH	M 1	3,2	3,8	3,3
	M 2	2,8	2,8	3,1
	IMC	-1,96 ⁺	-4,85 ⁺	-0,88
SB	M 1	3	3,3	3,4
	M 2	2,8	1,9	3,4
	IMC	-1,57	-10,57 ⁺	0,31

Nota. AGV = Atitudes Frente ao Gênero e à Violência; SH = Sexismo Hostil; SB = Sexismo Benevolente; += Mudança Positiva e Significativa; -= Mudança Negativa e Significativa; M1 = Escores das participantes antes da intervenção; M2 = Escores das participantes após a intervenção.

Figura 1

Escores Pré e Pós-intervenção das participantes.



Nota: AGV = Atitudes Frente ao Gênero e à Violência; SH = Sexismo Hostil; SB = Sexismo Benevolente.

A Participante 2 relatou ter histórico de violência psicológica com *stalking* em uma relação íntima. No contexto da intervenção, ela foi a mais assídua nos encontros e a que apresentou um dos resultados mais estatisticamente significativos. Assim, entende-se que a intervenção pode ter auxiliado a participante na elaboração de crenças associadas à violência de gênero e no namoro. Apesar de ser uma das participantes mais reservada durante os encontros, a Participante 2 foi colaborativa e se envolveu em todas as atividades propostas, demonstrando emotividade em temas mais sensíveis e interesse em aprender sobre a temática de violência de gênero. Ela se autodeclarou como mulher branca, cisgênera e ainda questionando a sua identidade sexual.

A Participante 1 também obteve uma diminuição positiva e relevante nos escores de sexismo hostil. Os achados demonstraram uma redução dos escores de atitudes frente ao gênero, à violência e ao sexismo benevolente (Tabela 2 e Figura 1). Durante o envolvimento nas atividades propostas, ela foi expressiva quanto ao que pensa sobre discriminação racial, de gênero e de sexualidade, questionando as colegas que não compartilhavam da mesma opinião. É possível que os resultados estatísticos relacionados à redução de pensamentos sexistas dessa participante não tenham sido tão expressivos em comparação às outras participantes por se tratar de alguém também com escores mais baixos nestas dimensões desde o pré-teste.

A Participante 1 também referiu histórico de violência no namoro, sinalizando já haver sofrido violência sexual perpetrada por um ex-parceiro. A partir da exemplificação das tipologias da violência propostas pela Lei 11.340, também conhecida por Lei Maria da Penha (*Lei nº 11.340*, 2006), a participante pôde associar suas próprias experiências íntimas àquelas categorias, o que permitiu o reconhecimento de outras violências em sua relação. A Participante 1 tem 15 anos e se autodeclarou uma mulher preta, cisgênera e bissexual.

Por fim, a Participante 3 também relatou ter sofrido violência no namoro, sinalizando, especificamente, violência psicológica. Os efeitos da intervenção foram identificados na diminuição positiva e significativa nos escores das atitudes frente ao gênero e à violência da participante. Os níveis de sexismo hostil apresentaram escores mais baixos após a intervenção, mas essas diferenças não foram significativas (Tabela 2 e Figura 1). Além de ter vivenciado violência no namoro, a Participante 3 relatou ter testemunhado experiências de violência intrafamiliar contra um tio devido a sua sexualidade não corresponder à heteronormatividade. Durante a intervenção, ela compartilhou seu posicionamento contra a violência de gênero e atos discriminatórios contra a população LGBTQ+ e mulheres, o que pode explicar as diferenças não significativas sobre crenças relacionadas ao sexismo hostil, já que essa é a forma mais explícita de crenças legitimadoras de violência. Ainda assim, a participante também apresentou redução na maior parte das dimensões avaliadas. A Participante 3 tem 18 anos e se identificou como uma mulher cisgênera, parda e heterossexual.

Discussão

Este estudo investigou a viabilidade de uma intervenção que buscou prevenir violência no namoro entre meninas adolescentes inseridas em um contexto socialmente vulnerável da região Sul do país. Foram, portanto, investigados aspectos como demanda, adaptação, aceitabilidade, praticidade, implementação e avaliação inicial de eficácia. Esses aspectos são apontados pela literatura como centrais para a avaliação de viabilidade de intervenções (Bowen et al., 2009; Wuest et al., 2015). Estudos nacionais apontam altos índices de vitimização e perpetração de violência no namoro (Arnoud et al., 2023; Borges et al., 2020), entretanto, ainda são escassas as evidências referentes às estratégias preventivas (Moura, 2023). Ainda, por se tratar de uma temática sensível, passível de mobilizar emoções intensas nas participantes que já se encontram em um contexto vulnerabilidade, torna-se ainda mais importante conduzir estudos de viabilidade, de modo a verificar ajustes necessários e resultados qualitativos e quantitativos antes de investir em uma aplicação em larga escala da intervenção para estudos mais robustos referentes à eficácia.

No presente estudo, a partir da avaliação da viabilidade e das medidas iniciais de eficácia, a intervenção se mostrou adequada ao contexto, apresentou resultados positivos de pós-teste e bons índices de mudança confiável (IMC). No que diz respeito à investigação da viabilidade, identificou-se que as etapas de aproximação institucional e avaliação de demandas foram cruciais para a adaptação da intervenção. As adaptações possibilitaram uma maior aderência das participantes, auxiliando no sucesso da implementação. Referente aos resultados iniciais de eficácia, observou-se uma redução nos níveis de atitudes, frente ao gênero e à violência, sexismo hostil e sexismo benevolente (Tabela 2 e Figura 1) em todas as participantes. Esses resultados corroboram os objetivos da aplicação do Programa M (Ricardo et al., 2010) quanto à redução de crenças sexistas hostis e benevolentes e de atitudes que legitimam a violência de gênero.

Ainda, apesar de o Programa M se tratar de um programa de caráter preventivo universal, observou-se que três das cinco participantes relataram histórico de violência no namoro, o que corrobora os dados encontrados na literatura. Os índices de vitimização de violência nas relações íntimas na adolescência são bastante significativos, tanto em amostras comunitárias (Arnoud et al., 2023; Wincentak et al., 2016) quanto em amostras que participaram de programas de prevenção à violência de gênero e/ou no namoro (Vives-Cases et al., 2021). No caso dos altos níveis de vitimização em participantes de programas de prevenção, a identificação prévia com a temática e o desejo de dividir estas experiências são algumas hipóteses que podem contribuir para explicar esse fenômeno. Observou-se que, apesar de apenas três participantes terem assinalado histórico de violência no namoro, todas as integrantes reconheceram ter testemunhado ou vivenciado violência ao longo da participação na intervenção.

Desse modo, a normalização da violência nas relações íntimas torna-se um problema para o reconhecimento da própria experiência de violência (Green et al., 2024), o que impede que mudanças sejam aplicadas em prol da própria segurança e bem-estar. Uma das participantes da intervenção relatou em um dos encontros que tentativas de controle sobre o celular da parceira são justificáveis a partir de sentimentos de ciúmes, corroborando uma perspectiva de normalização de estratégias violentas nas relações íntimas. Entretanto, ao trabalhar as expressões de violência em grupo, a mesma participante pode reconhecer e nomear as experiências de violência psicológica que viveu. Assim, por meio da intervenção, pode-se oportunizar um espaço tanto de fala quanto de ressignificação da violência.

Ainda, é necessário sinalizar que a violência no namoro é um produto do contexto histórico-cultural, de modo que aspectos como raça, gênero, classe e orientação sexual interagem com o gênero na expressão da violência no namoro. Apesar de o estudo ser direcionado a meninas adolescentes, o gênero não é a única característica que deve ser levada em consideração. Fizeram parte do estudo: meninas cisgênero de diferentes orientações sexuais, que se identificaram como brancas, pardas e negras e que sinalizaram *status* de vulnerabilização socioeconômica. Desse modo, destaca-se a importância de uma sensibilidade analítica frente às relações sistêmicas de poder e às identidades interseccionais das participantes, tendo em vista que a violência se trata de uma problemática multifacetada. A interseccionalidade, teoria e práxis feminista desenvolvida por autoras do movimento negro (Collins, 2022), é essencial para desafiar suposições dominantes no campo da psicologia e produzir um conhecimento implicado num imperativo de transformação social (Arnoud et al., 2023).

O enfrentamento à violência é um dever social, moral e ético que permeia todos os espaços, sejam eles públicos ou privados. Estudos de viabilidade podem subsidiar estudos mais robustos de avaliação da efetividade de intervenções preventivas, mensurando mudanças após a participação na intervenção e seus efeitos a curto, médio e longo prazo. Isso pode favorecer o fortalecimento e o investimento em políticas públicas que visam a prevenção da violência de gênero permeada nas relações íntimas de adolescentes. Com o avanço do neoconservadorismo no Brasil, a discussão de temas como gênero e sexualidade na adolescência tem encontrado importantes obstáculos institucionais, culturais e econômicos (Biroli et al., 2020). No lugar de uma pretensa proteção da infância e da adolescência, o neoconservadorismo contribui para a produção de normativas excludentes que legitimam a violência de gênero não só na adolescência, mas também na vida adulta.

Dessa forma, o presente estudo também possui uma implicação política devido ao seu caráter preventivo da violência de gênero e no namoro. Assim, os resultados encontrados não só contribuem para a literatura científica sobre violência no namoro, mas também podem ter implicações importantes para a prática profissional da psicologia. Os dados encontrados apontam táticas para abordar uma temática sensível, fornecendo estratégias, atividades e elucidando sobre possíveis desafios a serem encontrados nesse processo. Entende-se que, apesar de se tratar de uma intervenção em formato grupal, os resultados podem subsidiar a prática e o manejo de situações de violência no namoro em diferentes contextos, como a clínica, escolas e serviços da rede de saúde. A implementação da intervenção demarcou a importância de discutir aspectos relacionados às dinâmicas de gênero ao lidar com a violência no namoro, mas também apontou que é essencial que essa compreensão seja articulada com outros sistemas de opressão que atravessam as vivências das adolescentes. Assim, uma perspectiva interseccional – que leve em consideração os entrecruzamentos entre raça, classe social, idade, orientação sexual, entre outros (Collins, 2022) – contribui para uma atuação mais sensível e conectada com as experiências e demandas reais das participantes.

O estudo investigou a viabilidade da implementação da intervenção, bem como realizou testes limitados de eficácia. Entretanto, em função do delineamento utilizado, não foi possível investigar de maneira longitudinal a prevenção da violência no namoro, o que se entende como uma limitação. Em seu lugar, verificou-se a redução de crenças e atitudes que se associam com a vitimização e perpetração. Desse modo, não houve mensuração direta da redução de violência no namoro. Ainda, aponta-se para a não generalização dos dados encontrados, tendo em vista que a pesquisa foi realizada com um tamanho de amostra pequeno e pertencente à região Sul do país. É possível que outras regiões ou contextos (rurais versus urbanos, por exemplo) possuam suas próprias especificidades, necessidades e desafios. Assim, recomenda-se que estudos futuros invistam em uma aplicação mais ampla da intervenção em diferentes contextos, de modo a possibilitar a construção de evidências mais robustas acerca da eficácia da versão adaptada do programa.

Considerações Finais

Os principais resultados deste estudo apontam para uma proposta de intervenção adequada e com impactos significativos na redução de crenças sexistas e referentes às atitudes frente ao gênero e à violência. Identificou-se que a intervenção foi aceita pelas participantes a partir dos relatos positivos sobre as atividades e sobre se sentirem em segurança e confortáveis dentro do grupo. Houve engajamento nos encontros e as adaptações realizadas facilitaram a aproximação com as adolescentes por meio da inserção de temas que dialogam com a sua realidade. Apesar dos desafios relacionados ao contexto de alta vulnerabilidade e dificuldades de comunicação entre a equipe de psicólogas e a direção escolar, a intervenção pode ser concluída com todas as atividades previstas. Os dados encontrados no presente estudo de viabilidade podem subsidiar a aplicação de intervenções de prevenção à violência no namoro em outros contextos, bem como auxiliar no manejo de desafios inerentes às diferentes realidades socioculturais do país.

A violência no namoro corresponde a um importante problema de saúde pública que afeta consideravelmente adolescentes brasileiros. Meninas se encontram em vulnerabilidade em relação a essa violência por conta das desigualdades de gênero que constituem a sociedade patriarcal. A literatura indica que ações de enfrentamento são essenciais para o combate do fenômeno e que intervenções preventivas na adolescência podem contribuir para a promoção de relações íntimas mais saudáveis. Existem importantes estudos realizados na área (Murta et al., 2013; Murta et al., 2016; Santos et al., 2019), entretanto, considerando a dimensão do fenômeno, o corpo de evidências sobre intervenções desenvolvidas em contexto brasileiro ainda é escasso. O presente estudo visou contribuir para a ampliação das evidências sobre monitoramento de intervenções preventivas em contexto escolar como estratégia de combate à violência, relatando a experiência de avaliação da viabilidade no Sul do Brasil. A implementação desse tipo de intervenção em escolas e em centros educativos se torna uma ferramenta importante para auxiliar no reconhecimento de situações violentas, na ampliação do conhecimento das adolescentes acerca de seus próprios direitos, bem como no questionamento de normativas de gênero pautadas em crenças sexistas.

Referências

- Arnoud, T. C. J. (2022). *Fatores de risco para violência no namoro entre adolescentes: Uma leitura interseccional* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUCRS. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10882>
- Arnoud, T. C. J., Chotgues, J. O., Marques, S. S., & Habigzang, L. F. (2023). Teoria da interseccionalidade, desafios para pesquisas empíricas e contribuições para a psicologia. *Paidéia*, 33, 1-7. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3327>
- Arnoud, T. C. J., Linhares, I. Z., Rodrigues, G. R., & Habigzang, L. F. (2024). Dating violence victimization among sexual and gender diverse adolescents in Brazil. *Current Psychology*, 43, 13328-13338. <https://doi.org/10.1007/s12144-023-05378-3>
- Baughen, A. R., & Gazmararian, J. A. (2015). Masculine gender role stress and violence: A literature review and future directions. *Aggression and Violent Behavior*, 24, 107-112. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.04.002>
- Biroli, F., Vaggione, J. M., & Machado, M. D. C. (2020). *Gênero, neoconservadorismo e democracia*. Boitempo.
- Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell’Aglío, D. D. (2020). Variáveis pessoais e contextuais preditoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 438-448. <https://doi.org/10.14718/ACP.2020.23.2.16>
- Bowen, D. J., Kreuter, M., Spring, B., Cofta-Woerpel, L., Linnan, L., Weiner, D., Bakken, S., Kaplan, C. P., Squiers, L., Fabrizio, C., & Fernandez, M. (2009). How we design feasibility studies. *American Journal of Preventive Medicine*, 36(5), 452-457. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2009.02.002>
- Cardoso, B. L. A., & Costa, N. (2019). Habilidades sociais e violência contra a mulher por parceiro íntimo: Um estudo teórico. *Interação em Psicologia*, 23(1), 20-32. <https://doi.org/10.5380/psi.v23i1.53789>
- Centers for Disease Control and Prevention. (2022, January 14). Preventing teen dating violence. *Intimate Partner Violence Prevention*. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/intimatepartnerviolence/teendatingviolence/fastfact.html>
- Collins, P. H. (2022). *Bem mais que ideias: A interseccionalidade como teoria social crítica*. Boitempo.
- Díaz-Aguado, M. J., & Arias, R. M. (2001). *La construcción de la igualdad y la prevención de la violencia contra la mujer desde la educación secundaria*. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. https://www.researchgate.net/publication/275033833_La_construccion_dela_igualdad_y_la_preencion_de_la_violencia_contra_la_mujer_desde_la_Educacion_Secundaria
- Durgante, H., & Dell’Aglío, D. D. (2018). Critérios metodológicos para a avaliação de programas de intervenção em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 17(55), 155-162. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1701.15.13986>
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com gênero. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 103-111. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública [FBSP]. (2019). *Atlas da violência 2019*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/6363-atlasdaviolencia2019completo.pdfcompleto.pdf>

- Garthe, R. C., Kaur, A., Rieger, A., Blackburn, A. M., Kim, S., & Goffnett, J. (2021). Dating violence and peer victimization among male, female, transgender, and gender-expansive youth available. *Pediatrics*, 147(4), 1-8. <https://doi.org/10.1542/peds.2020-004317>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-521. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Green, J., Satyen, L., & Toumbourou, J. W. (2024). Influence of cultural norms on formal service engagement among survivors of intimate partner violence: A qualitative meta-synthesis. *Trauma, Violence and Abuse*, 25(1), 738-751. <https://doi.org/10.1177/15248380231162971>
- Hughes, K., Bellis, M. A., Hardcastle, K. A., Butchart, A., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., & Mikton, C. (2014). Global development and diffusion of outcome evaluation research for interpersonal and self-directed violence prevention from 2007 to 2013: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 19(6), 655-662. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.09.006>
- Instituto Promundo. (2008). *Program M. Working with young women: Empowerment, rights and health*. <https://healtheducationresources.unesco.org/library/documents/program-m-working-young-women-empowerment-rights-and-health>
- Lee C., & Wong, J. S. (2022). Correction to: Examining the effects of teen dating violence prevention programs: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Experimental Criminology*, 18(3), 695-705. <https://doi.org/10.1007/s11292-020-09456-5>
- Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. (2006, 07 de agosto). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, e dá outras providências. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Moura, J. Q. (2023). *Avaliação e prevenção da violência para meninas em acolhimento institucional* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações PUCRS. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/11105>
- Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B., Bezerra, K. L. T., & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. *Psico-USF*, 21(2), 381-393. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210214>
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Martins, C. P. S., & Oliveira, B. (2013). Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 117-131. <https://doi.org/10.4013/etc.2013.62.05>
- National Institute for Health Research [NIHR]. (2017, February 01). *Feasibility and pilot studies: Which programme should i apply to?* <http://www.nets.nihr.ac.uk/glossary>
- Oudekerk, B., Blachman-Demner, D., & Mulford, C. (2014). *Teen dating violence: How peers can affect risk & protective factors*. National Institute of Justice Research in Brief. <https://www.ojp.gov/library/publications/teen-dating-violence-how-peers-can-affect-risk-protective-factors>
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2017). Gender matters: Experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of Adolescence*, 59(1), 79-89. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.05.015>
- Ricardo, C., Nascimento, M., Fonseca, V., & Segundo, M. (2010). *Program H And Program M: Engaging young men and empowering young women to promote gender equality and health*. Pan American Health Organization.
- Santos, K. B., Murta, S. G., Vinha, L. G. A., & Deus, J. S. (2019). Efficacy of a bystander intervention for preventing dating violence in Brazilian adolescents: Short-term evaluation. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 32(1), 1-14. <https://doi.org/10.1186/s41155-019-0133-4>

- Silva, G. C. B., Nóbrega, W. F. S., Melo Neto, O. M., Soares, R. S. C., Olinda, R. A., Cavalcanti, S. D. Á. L. B., & Cavalcanti, A. L. (2019). Distribuição espacial e perfil epidemiológico das notificações da violência contra a mulher em uma cidade do nordeste brasileiro. *Arch Health Invest*, 8(10), 1-6. <https://doi.org/10.21270/archi.v8i10.3814>
- Taquette, S. R., & Monteiro, D. L. M. (2019). Causes and consequences of adolescent dating violence: A systematic review. *Journal of Injury and Violence Research*, 11(2), 137-146. <https://doi.org/10.5249/jivr.v11i2.1061>
- Teófilo, M. M. A., Kale, P. L., Eppinghaus, A. L. F., Azevedo, O. P., Farias, R. S., Maduro Neto, J. P. M., Costa, A. J. L., & Cavalcanti, M. L. T. (2019). Violência contra mulheres em Niterói, Rio de Janeiro: Informações do sistema de vigilância de violências e acidentes (2010-2014). *Cadernos Saúde Coletiva*, 27(4), 437-447. <https://doi.org/10.1590/1414-462X201900040302X>
- Vagi, K. J., Olsen, E. O. M., Basile, K. C., & Vivolo-Kantor, A. M. (2015). Teen dating violence (physical and sexual) among US high school students: Findings from the 2013 National Youth Risk Behavior Survey. *JAMA pediatrics*, 169(5), 474-482. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2014.3577>
- Vives-Cases, C., Sanz-Barbero, B., Ayala, A., Pérez-Martínez, V., Sánchez-San Segundo, M., Jaskulska, S., ... & Davó-Blanes, M. C. (2021). Dating violence victimization among adolescents in Europe: baseline results from the lights4violence project. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(4), 1414. <https://doi.org/10.3390/ijerph18041414>
- Wincentak, K., Connolly, J., & Card, N. (2017). Teen dating violence: A meta-analytic review of prevalence rates. *Psychology of Violence*, 7(2), 224-241. <https://doi.org/10.1037/a0040194>
- Wuest, J., Merritt-Gray, M., Dubé, N., Hodgins, M. J., Malcolm, J., Majerovich, J. A., Scott-Storey, K., Ford-Gilboe, M., & Varcoe, C. (2015). The process, outcomes, and challenges of feasibility studies conducted in partnership with stakeholders: A health intervention for women survivors of intimate partner violence. *Research in Nursing & Health*, 38(1), 82-96. <https://doi.org/10.1002/nur.21636>

Como citar:

Arnoud, T. C. J., Chotgues, J. O., Linhares, I. Z., Mota, L. O., Freitas, C. P. P., Habigzand, L. F. (2025). Prevenção da Violência no Namoro de Meninas Adolescentes: Um Estudo de Viabilidade. *Revista Subjetividades*, 25(Esp.), e14925. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25iEsp.e14925>

Endereço para correspondência:

Thaís de Castro Jury Arnoud
E-mail: thaiscjarnoud@gmail.com

Julia de Oliveira Chotgues
E-mail: julia.chotgues@edu.pucrs.br

Isadora Zirbes Linhares
E-mail: isadora.linhares@acad.pucrs.br

Laura Oliveira Mota
E-mail: laura.om@hotmail.com

Clarissa Pinto Pizarro de Freitas
E-mail: freitascpp@gmail.com

Luisa Fernanda Habigzang
E-mail: habigzangluisa@gmail.com



Recebido em: 21/01/2024.
Aceito em: 26/06/2025.